

Jornal Notícias

30-06-2017

Periodicidade: Diário**Classe:** Informação Geral**Âmbito:** Nacional**Tiragem:** 110603**Temática:** Política**Dimensão:** 2300 cm²**Imagem:** S/Cor**Página (s):** 1/4 a 5

● Eleitores mais velhos têm maior tolerância com o clientelismo ● Há 25 ex-presidentes que tentam regressar nestas eleições P. 4 e 5

Metade do país aceita corrupção autárquica

Eleições Portugueses tendem a amnistiar agentes do poder local. Clientelismo é um dos principais problemas da longevidade dos cargos

Eleitores não castigam autarcas corruptos



Nas eleições de 1 de outubro, há 25 antigos autarcas a querer regressar ao poder

Helena Teixeira da Silva
helenasilva@jn.pt

► Os portugueses têm tendência para amnistiar os políticos e tolerar o fenómeno da corrupção, optando por não fazer qualquer tipo de punição eleitoral, sobretudo a nível local, asseguram vários investigadores ouvidos pelo IN. Esse padrão de comportamento poderá ajudar a explicar por que razão 25 antigos autarcas voltam, este ano, a recandidatar-se às eleições de 1 de outubro, depois de vários estudos terem demonstrado que "a longevidade com que grande par-

te dos presidentes permaneceu no cargo potenciou casos de clientelismo, falta de transparência e corrupção" e em "nada beneficiou o exercício democrático".

A conclusão é de Maria Antónia Pires de Almeida, do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, do Instituto Universitário de Lisboa, ancorada num conjunto de análises sobre a qualidade da democracia nas autarquias, que refere que mais de metade dos portugueses (53%) aceita a corrupção desde que "praticada por uma justa causa" e cerca de dois terços (61%) admitem tolerar o fenómeno, "desde que produ-

25 políticos tentam voltar em 2017

● **Valentim Loureiro** (Gondomar), **Isaltino Moraes** (Oeiras), **Joaquim Raposo** (socialista, da Amadora para Oeiras), **Fernando Costa** (das Caldas para Leiria), **Avelino Ferreira Torres** (do Marco para Amaran-te), **Narciso Miranda** (Matosinhos), **Litério Marques** (Anadia), **António Sebastião** (Almodôvar), **João Grilo** (Alandroal), **Ana Cristina Ribeiro** (Salvaterra de Magos), **Fernando Seara** (que passa de Sintra para Odivelas), **João Marques** (Pedrógão Grande), **Julia Costa** (Cami-nha), **Fernando Marques** (Ansião), **António Murta** (Vila Real de Santo António), **Jaime Ramos** (Entroncamento), **José Rondão Almeida** (Elvas), **João Cepa** (Esposende), **Narciso Mota** (Pombal), **Paulo Teixeira** (que passa de Castelo de Paiva para Marco de Canaveses), **António Eusébio** (que passa de São Brás de Alportel para Faro), **Emílio Torrão** (Montemor-o-Velho), **Manuel Rodrigo** (Miranda do Douro), **Carlos Pinto** (Covilhã) e **Jaime Ramos** (Coimbra).

za efeitos benéficos para a população em geral". A prova é que "alguns candidatos com processos a decorrer e até condenados conseguem ser reeleitos".

José Adelino Maltez subscreve os indicadores (aferidos pela primeira vez em Portugal em 2006, e ciclicamente reiterados em barómetros de qualidade da democracia). O politólogo ressalva que, no seu caso, os dados têm sido, também, comprovados por "medição intuitiva" e por "experiência no terreno".

O investigador estabelece uma diferença entre o eleitorado mais novo e o que figura na faixa entre

os 40 e os 60 anos. "O eleitorado jovem é o que mais exerce a punição. O mais antigo, habituado a votar em padrinhos, tende a repetir o comportamento". Em todo o caso, nota o professor, "as próximas autárquicas constituem uma importante amostra para voltar a medir o comportamento dos portugueses". Tanto mais que "o caso na justiça do primeiro-ministro José Sócrates veio alterar psicologicamente a sensibilidade das pessoas para a punição".

Autarca "Robin dos bosques"

Desde 1976 até 2013, a média aponta para que cada autarca se tenha mantido, em média, 8,4 anos no poder, contabiliza ainda Maria Antónia Pires de Almeida.

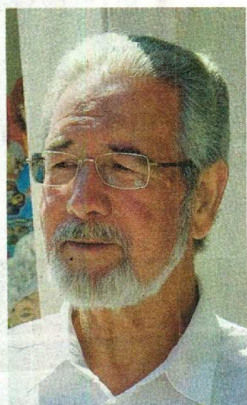
Se apenas quatro dinossauros [Isaltino Morais, Narciso Miranda, Valentim Loureiro e Avelino Ferreira Torres] estiveram no governo das suas cidades durante 95 anos – mais do dobro do período da democracia –, imagine-se quanto tempo estiveram no poder os 25 autarcas que voltam agora a recandidatar-se.

"Maioria dos portugueses vota em candidatos com casos de corrupção, porque entende que fez obra"

Para Carlos Ialali, politólogo da Universidade de Aveiro, a tendência para a tolerância da corrupção ao nível local é "fruto de dois aspetos: o eleitor escolhe mediante um leque de opções, empregando expressões como 'este pelo menos fez'; por outro lado, a simpatia que nutre pela pessoa leva-o a desvalorizar os factos. O sentimento antipolítico e antipartidos é tão forte que faz com que as pessoas pensem que 'os que erram não são a exceção, mas apenas os que são apanhados'".

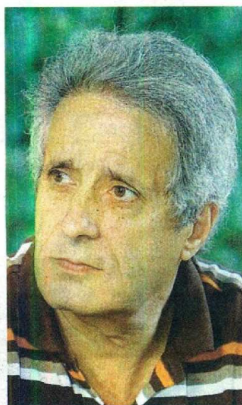
É a explicação do "autarca Robin dos bosques", acrescenta Luís de Sousa, politólogo e investigador do ICS da Universidade de Lisboa, ressaltando que não há dados científicos recentes sobre a temática. "As pessoas votam em candidatos envolvidos em casos de corrupção, porque entendem que pode ser corrupto mas fez obra." ●

Dinossauros Quatro autarcas governaram 95 anos



Isaltino Morais "Prisão deixou-me ainda mais preparado"

► Isaltino Morais não é só o único autarca do país que esteve preso. É o único autarca preso a quem os municípios fizeram campanha à porta da prisão. Presidente da Câmara de Oeiras durante um quarto de século (1985-2013), foi condenado por fraude fiscal e branqueamento de capitais. Cumpriu 14 meses de prisão efetiva, entre 2013 e 2014. Não o esconde – o cárcere nem o que isso lhe fez: "Sou um homem diferente. A prisão deixou-me ainda mais bem preparado para ser autarca. Já era tolerante e preocupado, mas hoje sou mais". Também por isso, volta, aos 67 anos, para "devolver Oeiras ao mapa", recusando a "teoria grisalha de que depois dos 50 anos ninguém serve para nada". Evita as críticas, diz que "cada um faz o que sabe", mas não disfarça que "basta estar parado para andar para trás". E Oeiras, "empreendedora e competitiva", parou, diz. Em quatro sondagens só uma não lhe dá maioria absoluta, revela. Mas diz que não se deslumbra. "Quanto mais votos, mais humilde". Isaltino espera ganhar, não ficará mais 12 anos, mas diz ter projetos para 20. Cita Mariza: "O melhor de mim está para chegar."



Ferreira Torres "Nada prescrito, ganhei tudo em tribunal"

► "No Marco, ainda hoje ganharia sem sequer sair de casa", começa por dizer Avelino Ferreira Torres, que foi autarca nesse concelho do interior durante 23 anos (1983-2005). Em 2005, mudou. Correu por Amarante, onde nasceu, mas perdeu. Doze anos depois, aos 70, volta a tentar. "Se os municípios de Amarante entenderem que o que fiz no Marco lhes interessa, estou aqui para os servir", justifica o militante centrista que agora corre como independente. Antes, durante e depois do exercício político, Ferreira Torres enfrentou acusações de peculato, abuso de poder, suborno, promiscuidade, falências fraudulentas, falsificação de documentos, desvios de fundos e sobrevalorização de terrenos. Já este ano deu entrada no tribunal um pedido de insolvência movida por uma empresa a quem deverá dinheiro. Ele nega tudo, casos atuais e passados. "Nunca perdi um processo, nenhum foi prescrito, ganhei sempre tudo em tribunal", garante. O que não ganha, diz, é a batalha contra os jornalistas que diz gostarem de lhe "arranjar assuntos". Mas da sua parte, adianta, já só podem contar com uma certeza: "Deixei de ser polémico."



Narciso Miranda "Sei que não sou perfeito, cometi erros"

► Narciso Miranda ganhou todas as eleições autárquicas de 1977 até 2005. Foram sete mandatos consecutivos, 29 anos. O senhor de Matosinhos, de 67 anos, foi autarca mais de metade da sua vida. Em 2009, de candeiás às avessas com o PS, do qual se desvinculou, perdeu pela primeira vez. Mas este ano volta a tentar, outra vez como independente, que a experiência político-partidária é "ciclo encerrado", garante. "Senti-me na obrigação de trazer a minha experiência de volta", explica, embora admita que lhe "fez bem" estar fora da política nos últimos 12 anos. "O truque foi sair da Câmara mas não de Matosinhos. Coloquei os pés no terreno sem ter poder e passei a perceber melhor as pessoas". Narciso, condenado por falsificação e abuso de confiança, fala de tudo menos desses casos. "Não sou perfeito, cometi erros", reconhece. Mas há 30 anos que defende que "à justiça o que é da justiça e à política o que é da política". E não é agora que vai mudar. A sua única preocupação, diz, é que "Matosinhos volte a reganhar a capacidade de liderança na Área Metropolitana e a respeitabilidade em Lisboa, para voltar a ter voz".



Valentim Loureiro "Nunca fui um PSD cego e obediente"

► Há uma imagem de Valentim Loureiro que o tempo não apaga: o major, de roupão, à porta de casa, no Porto, em 2004, a dar uma conferência após a detenção, no âmbito do "Apito Dourado", sob suspeita de tráfico de influências na arbitragem. Na sequência desse episódio, o PSD – em que militava desde 1974 – virou-lhe costas. "Nunca fui um militante cego e obediente. O partido não está a definir por acaso, mas não meto o bedelho". O major voltaria a renovar os mandatos em 2005 e 2009, como independente. E é assim que volta, aos 78 anos, para dar continuidade às duas décadas de Gondomar que tem no currículo. "Gostava de sentir que os gondomarenses ainda gostam do meu trabalho", confessa, embora admita que, nos últimos quatro anos, não foi "mais de meia dúzia de vezes a Gondomar". Valentim é homem de menos falas, hoje. Diz que concorre porque os convidaram e que não se candidata "contra ninguém". Que tem a convicção de que pode "ser útil", mas recusa "avaliar quem esteve na Câmara". Serenamente, diz que parte com "os olhos na meta", mas sabendo que pode perder.